

A VARIAÇÃO “AVER”/“TEER” EM ESTRUTURAS DE POSSE NO PORTUGUÊS ARCAICO

MARIA JOÃO ALVES DA COSTA
(Escola Superior de Educação da Guarda)

1. O período arcaico da língua portuguesa pauta-se por uma forte instabilidade e variação quer no plano gráfico quer no plano linguístico, manifestando-se nomeadamente no plano sintáctico-semântico.

Um dos traços fundamentais do percurso evolutivo do português ao longo da Idade Média e que ajuda ao estabelecimento da periodização quer do português arcaico, quer da sua transição para o período subsequente - o português clássico - é justamente a história do binómio “aver” ~ “teer”.

Realizámos anteriormente um estudo que incide sobre os caminhos de mudança sintáctico-semântica destes dois verbos nas suas várias acepções:

- “aver” ~ “teer” em estruturas de posse;
- “aver” ~ “teer” + participio passado;
- “aver” ~ “teer” + infinitivo.

Esse estudo¹ abrange a fase que, cronologicamente, vai desde o século XIII até à primeira metade do século XVI. A selecção do lapso temporal em que se insere procura abarcar o período que tradicionalmente se denomina português arcaico. Também procurámos abarcar o maior número possível de textos tendo em conta as coordenadas de tempo, de espaço e da variabilidade textual.

No entanto, a nossa comunicação incidirá, apenas, na primeira das acepções supracitadas: os verbos “aver” e “teer” em estruturas de posse.

A ocorrência destes verbos, neste tipo de estrutura, tem sido aquela que, juntamente com a ocorrência “aver”/“teer” seguidos de participio passado, mais tem despertado o interesse dos estudiosos.

2. Torna-se pois imperativo fazer um excursão, ainda que breve, pelos trabalhos mais significativos sobre este fenómeno.

O estudo pioneiro que Eva Seifert publicou em 1930², ainda que centrado na língua espanhola, constitui um marco na delimitação das situações em que ocorrem “aver” e “teer”.

O “confronto” dos dois verbos, que resultou num progressivo avanço de “teer” até à substituição quase completa de “aver”, iniciou-se já no latim imperial e o verbo “teer” «empleado en caso de necesidad y, al parecer, en distintas épocas, al lado de *habere*, se convirtió de ayudante en usurpador»³.

Assim, numa fase inicial, “aver” e “teer” eram utilizados para significar ‘posse’, havendo, contudo, diferenças ao nível do referente possuído. O sentido de cada um deles estava delimitado e encontravam-se em distribuição complementar. Progressivamente, como teremos ocasião de constatar mais adiante, o verbo “teer” foi sendo utilizado em estruturas e com sentidos inicialmente reservados a “aver”.

Eva Seifert estudou a evolução diacrónica destes verbos desde o século X até ao século XX na língua espanhola. É um estudo que permite estabelecer alguns paralelismos com a evolução de “aver” e “teer” na língua portuguesa, uma vez que se trata de um fenómeno comum às duas línguas. As conclusões a que chegámos com a nossa pesquisa vêm, por um lado, corroborar uma das conclusões de Eva Seifert quando afirma que a substituição de “aver” por “teer” foi motivada pelo facto de «ser ambos verbos desprovidos de sentido propio, funcionando como cópula expresiva de una idea vaga de acción o posesión»⁴. Por outro lado, pretendemos demonstrar que o facto de “aver” dimanar do verbo latino “habere” e pese embora o facto de a perda de sentido ter ocorrido em todas as línguas românicas, não justifica por si só o quase completo esvaziamento semântico deste verbo.

Pretendemos também partir de alguns dados numéricos para a tentativa de explicação da progressiva utilização de uma estrutura em detrimento da outra pois não basta apresentar números, é necessário explicá-los.

Inicialmente “aver” e “teer” detinham, no português arcaico, funções bem delimitadas porquanto “aver” era o verbo utilizado para designar a posse de bens ou qualidades intrínsecas ao sujeito ou inalienáveis e “teer” significava a posse temporária de um bem. O próprio Said Ali⁵ enuncia esta questão propondo para “teer” a aquisição de um sentido de posse ligado às ideias do feudalismo vigente no continente europeu. Esse conceito de posse pode detectar-se com maior clareza noutras zonas românicas, deixando assim transparecer a ligação entre a língua e a comunidade que a utiliza. Nos países onde o feudalismo era uma realidade incontestada esta acepção ganha maior vigor. Esta ideia de Said Ali é mais tarde aprofundada por Jean-Claude Chevalier⁶, afirmando este autor que inicialmente havia dois verbos para a expressão de posse, verbos esses que se

“opunham”, i.e., «*aver [era] l'expression d'une *propriedad por herencia. tener d'une posesión en feudo*»⁷. Essa oposição foi-se esbatendo progressivamente até que nos finais do século XV o verbo “teer” acaba por se impor.*

Outros estudos merecedores de destaque relativamente a esta questão são os de Maria Lúcia Pinheiro Sampaio⁸ - estudo que abarca os diferentes períodos da língua portuguesa desde o século XIII até ao século XX - e o de José de Azevedo Ferreira sobre o *Libro de los Gatos*⁹. Este eminente filólogo aponta como uma das razões desta progressiva substituição de “aver” por “teer” o facto de “aver” ser utilizado com maior frequência o que ocasionou a diminuição da sua carga semântica¹⁰. Foi desta forma que “teer” foi gradualmente ocupando o lugar de “aver”.

Este estudo de Azevedo Ferreira aporta alguns elementos importantes para a compreensão da evolução destes verbos mas, no entanto, com base na documentação por nós analisada podemos antecipar em quase um século o início da utilização de “teer” com noções abstractas, como veremos mais adiante. Azevedo Ferreira afirma que «*c'est au XV siècle, en même temps que le verbe *haber* est progressivement éliminé, que surgissent, pour la première fois, comme complément de *tener*, quelques notions abstraites*»¹¹.

Mais recentemente, Rosa Virgínia Mattos e Silva tem desenvolvido vários estudos parcelares sobre estes dois verbos¹² e, nomeadamente, sobre “aver” e “teer” nas estruturas de posse. A autora reconhece que para que se confirmem ideias como a de que “aver” predomina sobre o verbo “teer” ao longo de quase todo o período do português arcaico, há necessidade de se realizarem «*levantamentos exaustivos sobre esses verbos nesse período*»¹³.

Outro estudo recente (1993) é o que Ilza Ribeiro efectuou sobre os verbos “haver”, “ter” e “ser” no qual se centra, essencialmente, na forma de constituição dos tempos compostos embora também se reporte às estruturas de posse¹⁴.

O verbo “aver” era utilizado pelos falantes em qualquer dos diferentes tipos de posse enquanto que “teer” era utilizado em situações mais restritas.

É também ponto assente entre os historiadores da língua o facto de que, ao longo do período arcaico do português, o verbo “teer” começa lenta e progressivamente a substituir “aver” até que este último perde praticamente todo o valor semântico de posse. Torna-se mais notório este retrocesso de “aver” a partir de meados do século XV coincidindo com a sua progressiva utilização noutras acepções como, por exemplo, com o valor de verbo existencial¹⁵ ou como auxiliar. O facto de “aver” e “teer” não ocorrerem nos mesmos tipos de posse deve ser explicado, em parte, pela própria evolução destes dois verbos desde o latim até ao português. “Habere” e “tenere” comportavam valores distintos o que ajuda a compreender os diferentes valores apresentados no período arcaico da língua portuguesa. Outro aspecto significativo, apontado, entre outros, por Jean-Claude Chevalier¹⁶, prende-se com a sempre constante

ligação entre o valor de um vocábulo e a situação sociocultural e política de uma comunidade linguística. Desta forma, “teer” foi reservado para expressar a posse transitória de uma terra ou de um bem e também para expressar a posse de algo passível de ser adquirido. Para o verbo “aver”, para além destas acepções, ficou, durante grande parte do período medieval, a possibilidade de expressar a posse permanente de algo ou então qualidades específicas e intrínsecas ao homem, que não fossem passíveis de ser adquiridas. Sistematizando estes diferentes tipos de posse¹⁷ teremos¹⁸:

- 1) bens materiais adquiríveis (abrev. **BMA**);
- 2) qualidades específicas, não adquiríveis (abrev. **QE**);
- 3) bens imateriais adquiríveis (abrev. **BIA**).

3. Centrando-nos agora no estudo que efectuámos, podemos dizer que o conjunto da documentação analisada¹⁹ abrange textos não-literários e textos literários pelo que não nos limitámos à análise de “cartas” medievais. Optámos por utilizar, dentro de cada século, textos correspondentes a diferentes tipos e géneros textuais o que faculta a possibilidade de se conhecer o português arcaico enquanto diassistema, i.e., enquanto entidade dinâmica constituída por variações a nível estilístico, dialectal e diastrático.

A documentação que utilizámos, cronologicamente seriada desde o século XIII até meados do século XVI, com Gil Vicente, procura, para os verbos “aver” e “teer”, ajudar a delimitar o termo “ad quem” do português arcaico, não esquecendo que, no processo de evolução de qualquer língua, os fenómenos não evoluem simultaneamente. Assim, enquanto que para alguns fenómenos o termo “ad quem” se pode delimitar no século XV, outros casos há em que as mudanças só se consolidam já em meados do século XVI.

Procurámos abarcar todos os tipos de textos embora não fosse possível apresentar nenhuma obra de carácter historiográfico para o século XIII. A análise das ocorrências de “aver” e “teer”, em estruturas de posse, realizada no “corpus” do século XIII permitiu comprovar a vitalidade da estrutura possessiva com “aver” e da ainda incipiente utilização de “teer”. Os dados apresentados sobre a ocorrência destes verbos foram globalizantes na medida em que aí agrupámos todos os tipos de ocorrências, desde que se tratasse da estrutura de posse. No entanto, e dado o objectivo principal que norteia este trabalho, torna-se fundamental especificar quais as estruturas em que ambos ocorrem e, acompanhar o comportamento quer sintáctico quer semântico de cada um deles. O verbo “aver” não era, na centúria de duzentos, apenas o verbo mais escolhido (2741 oc. de “aver” e 761 de “teer”), ele era também o verbo de posse que preenchia todas as estruturas desta acepção. Assim, tanto encontramos “aver” nas estruturas de *bens materiais adquiríveis* (de agora em diante BMA) como nas de *qualidades específicas, não adquiríveis* (QE) e também nas de *bens imateriais*

adquiríveis (BIA). A situação do verbo “teer” é algo distinta. Apesar de ser um verbo que comporta, tal como “aver”, o valor de posse, é muito difícil encontrá-lo, no “corpus” ducentista, nas estruturas de (QE)²⁰. Este facto levou a que alguns autores afirmassem mesmo que era impossível encontrá-lo nesta estrutura durante o século XIII. O facto de termos analisado um “corpus” extenso permitiu que chegássemos a conclusões diferentes das que Rosa Virgínia Mattos e Silva apresenta no artigo já citado²¹. Assim foi possível encontrar alguns exemplos de “teer” na estrutura de (QE). Essas ocorrências permitem-nos antecipar o aparecimento de “teer” em todas as estruturas de posse²².

Apesar de encontrarmos, já no século XIII, os verbos “aver” e “teer” no mesmo tipo de estruturas de posse, a verdade é que há ainda significativas diferenças semânticas entre os dois. Tal como tivemos ocasião de referir, nesta fase inicial do português arcaico “aver” não era só o verbo mais escolhido para traduzir qualquer tipo de posse, ele era também o verbo utilizado para designar a posse de facto, ao passo que “teer” designava a posse por empréstimo e, por conseguinte, temporária de um bem. Por oposição, “aver” aparece para designar a posse de um bem que depois pode mesmo ser deixado em testamento aos herdeiros. O “corpus” trecentista abarca desde documentação privada, na sua maioria editada por Pedro de Azevedo, Margot Sponer e Clarinda Maia, a leis gerais como as traduções das *Partidas* de Afonso X, ou textos de carácter técnico como o *Livro de Falcoaria de Pero Menino*, entre outros. Dentro dos textos de carácter literário destacamos, a título de exemplo, as obras de espiritualidade como a *Visão de Túndalo* ou as de carácter historiográfico como a *General Estoria* e a *Crónica Troiana*. O verbo “aver” continua, no século XIV, a manter a supremacia na expressão da posse. Semanticamente, “aver” continua a aparecer em todos os tipos de posse referidos para o século XIII. Relativamente ao verbo “teer”, vimos que, em toda a documentação ducentista, se apresentava preferencialmente nas estruturas de tipo **BMA** (bens materiais adquiríveis) e de tipo **BIA** (bens imateriais adquiríveis). Só em casos pontuais foi possível encontrá-lo na estrutura de tipo **QE** (qualidades específicas, não adquiríveis)²³.

“Aver” mantém a sua supremacia como verbo principal para a expressão da posse.

Semanticamente, durante o século XIV, encontramos em toda a documentação exarada, quer para “aver”, quer para “teer” os três tipos de posse, decorrentes da natureza do “objecto possuído”. Considerando todas as abonações encontradas nos textos podemos inferir que “teer” aparece nos três tipos de posse embora “aver” seja o mais seleccionado (2521 oc. de “aver” e 766 de “teer”). Encontrámos, ainda no século XIV, “teer” ‘amor’; “teer” ‘fe et lealdade’; “teer” ‘tempo’; “teer” ‘amargura’; “teer” ‘créença’, entre outros. Estas ocorrências não obstam a que tenhamos também encontrado estes conceitos precedidos de “aver”. Ainda que tenhamos estes exemplos de “teer” no tipo de posse **QE**, a

verdade é que aparece em poucas ocasiões e, cotejando as abonações encontradas para o século XIII com as encontradas para o século XIV, verificamos que são praticamente as mesmas: "teer" *cabeça, fillos, ollo*.

Este facto permite-nos antecipar a expansão de "teer", para os três tipos de posse, para a segunda metade do século XIII. Podemos afirmar que "aver" e "teer" são utilizados indistintamente em algumas acepções, abarcando ambos os três tipos de posse. Encontrámos, entre outros, "aver"/"teer" *casa, coroa, dóó, door, fe, fillo, pesar, vida*, o que nos permite concluir que, no século XIV, já estão em variação livre nos três tipos de posse pese embora "aver" ser ainda o verbo dominante. O facto de estarem em variação livre não obsta a que, em alguns dos textos analisados, ainda tenhamos encontrado diferenças semânticas entre o tipo de posse expresso por "aver" e o expresso por "teer". A posse definitiva de um bem é ainda significada pelo verbo "aver" enquanto que para significar posse temporária de um bem ou um empréstimo se recorre a "teer". A passagem do século XIV para o século XV vem trazer alterações significativas no que respeita às estruturas de posse. Pela primeira vez, o verbo "teer" supera "aver" no número de ocorrências registadas (838 oc. de "aver" e 906 de "teer"). Este facto indicia que é na fase de transição de um século para o outro que "aver" começa a debilitar-se e a decair cedendo o seu lugar a "teer" que, por sua vez, começa a emergir e a afirmar-se como o principal verbo para designar a posse. "Teer" detém 52% do total de ocorrências encontradas e aparece representado em todos os tipos de posse.

Se já nos dois séculos anteriores encontrávamos "aver" e "teer" nos três tipos de posse, também é verdade que "aver" era o verbo mais seleccionado em todos eles e principalmente na estrutura de tipo QE. Na centúria de Quatrocentos, "teer" aparece muitas vezes utilizado com o mesmo tipo de atributos que "aver", mesmo nos de tipo QE. Durante os séculos XIII e XIV "aver" era o verbo seleccionado para designar a posse permanente de um bem e "teer" designava a posse temporária. Nos textos quatrocentistas analisados encontrámos "teer" com o valor semântico de posse permanente. Se, como já foi dito, encontramos nesta fase do português arcaico, "aver" e "teer" a inverterem os seus papéis, o que como se sabe, conduzirá "aver" ao quase total desaparecimento em estruturas de posse, a verdade é que parece-nos que os falantes ainda sentiam necessidade, em alguns casos, de reforçar uma ideia utilizando simultaneamente os dois verbos. Semanticamente, "teer" ainda não comportava, para os utilizadores da língua, todas as acepções outrora exclusivas de "aver". A utilização de "aver" e de "teer" reforça o argumento de que a ideia de posse temporária ainda está ligada a "teer" e a ideia de posse permanente ainda está ligada a "aver".

Mas ao falarmos do século XV não podemos obliterar o contributo dos príncipes da Casa de Avis²¹ para a evolução e "elaboração" da língua portuguesa. Os membros da dinastia de Avis não se limitaram a um papel de meros

observadores ou mecenas de autores da época, antes adoptaram, tal como D. Dinis já tinha feito, uma posição activa na produção e tradução de textos. O Infante D. Pedro e o rei D. Duarte tiveram um papel único no desenvolvimento e afirmação da língua portuguesa. É pois de direito que prestemos maior atenção às obras emblemáticas destes príncipes. O verbo “teer” é o mais seleccionado no total de ocorrências das três obras emblemáticas: *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sela*, *Leal Conselheiro* e *Livro da Vertuosa Benefeytoria*, com 55% das ocorrências, o que pode indiciar marcas de modernidade na língua portuguesa. Só no *Leal Conselheiro* é que “aver” supera “teer” com 52% das ocorrências. Como sùmula podemos dizer que, face aos dados apurados, “teer” se afirma lenta e progressivamente como o principal verbo das estruturas possessivas.

O “corpus” quinhentista seleccionado para este estudo não abarca todo o século. Procurámos centrar-nos no estudo de textos da primeira metade, incluindo a produção literária de Gil Vicente. Cremos, ainda assim, conseguir dar uma visão suficientemente esclarecedora e próxima da realidade do estado da língua portuguesa até meados do século XVI. Os verbos “aver” e “teer” em estruturas de posse seguem o caminho encetado no século anterior e, como seria previsível, “teer” é o verbo mais seleccionado nestas estruturas (74 oc. de “aver” e 82 de “teer”). Podemos, pois, asseverar que “teer” está já definitivamente encaminhado para se tornar o verbo que, em língua portuguesa, é seleccionado para designar qualquer tipo de posse.

4. Analisando os três tipos de posse, relembramos que a expansão de “teer” sobre “aver” se iniciou nas estruturas de tipo BMA, passou para as de tipo BIA e depois para as de tipo QE. Desde o século XIII até meados do século XVI fomos acompanhando “aver” e “teer” em estruturas de posse. “Aver”, que no início do século XIII se apresentava como o verbo principal para a expressão da posse em português, foi gradualmente cedendo o seu lugar a “teer”, em todas as possibilidades de utilização de atributos possessivos. A supremacia de “teer” sobre “aver” só é perceptível, em termos de número de ocorrências, a partir do século XV. No entanto, semanticamente, “teer” já ocupava todos os tipos de estrutura de posse (BMA, BIA, QE), desde o século XIII.

Como síntese, convém lembrar que toda e qualquer divisão implica necessariamente um certo teor de artificialidade. A língua portuguesa como, aliás qualquer outra língua, encontra-se em permanente evolução e foi justamente esse movimento de constante devir que procurámos apresentar centrando-nos em dois verbos que, pela sua própria natureza, despertaram em nós o ensejo de os acompanhar desde os primeiros textos redigidos em português até meados do século XVI.

O período arcaico da língua portuguesa está profundamente marcado pela mudança o que implica, necessariamente, variabilidade e heterogeneidade²⁵. Foi pois possível identificar, na evolução sintáctico-semântica de “aver” e de “teer”, momentos de intensa “efervescência” com formas coexistentes e ao mesmo tempo linguisticamente «rivais»²⁶. Não podemos esquecer que «a convivência de variantes numa comunidade linguística constitui um indicador de mudanças em curso»²⁷.

Notas

- 1 Dissertação de mestrado em Linguística Portuguesa apresentada, em 1998, à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra com o título «Os valores dos verbos “aver” e “teer” no português arcaico. Estudo diacrónico de carácter sintáctico-semântico» realizada sob orientação científica da Professora Doutora Clarinda de Azevedo Maia.
- 2 EVA SEIFERT, «*Haber e Tener* como expresión de la posesión en español». In: *Revista de Filología Española*, tomo XVII, cuadernos 3 y 4, Madrid, 1930, p.233-389.
- 3 EVA SEIFERT, *ob. cit.* p.233.
- 4 IDEM, *ibidem*, p.384.
- 5 SAID ALI, *Dificuldades da língua portuguesa. Estudos e observações*. 5ª edição com um prefácio do Prof. Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro (Livreria Académica). 1957.
- 6 JEAN-CLAUDE CHEVALIER, *De l'opposition «aver» ~ «tener»*. In: *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*, n°2, 1977, p.5-48.
- 7 IDEM, *ibidem*, p.6-7.
- 8 MARIA LÚCIA PINHEIRO SAMPAIO, *Estudo diacrónico dos verbos TER e HAVER, duas formas em concorrência*. São Paulo, Assis, 1978.
- 9 JOSÉ DE AZEVEDO FERREIRA, *Les verbes haber-tener et l'emploi de l'anaphorique y dans le «Libro de los Gatos»*. In: *Boletim de Filologia*, tomo XXVI (1980/81), Lisboa, 1981, p.245-270.
- 10 «Or, comme l'usage de *habere* augmentait considérablement, son contenu informationnel diminuait». Cf. JOSÉ DE AZEVEDO FERREIRA, *ob. cit.*, p.246-247.
- 11 IDEM, *ibidem*, p.247. O sublinhado é da nossa responsabilidade.
- 12 Vide Bibliografia final da nossa dissertação de mestrado (Cf. nota 1).
- 13 Cf. ROSA VIRGINIA MATTOS E SILVA, *A variação 'haber'/'ter'*. In: *A carta de Caminha. Testemunho linguístico de 1500*. Salvador (EDUFBA), 1996, p.184.
- 14 Cf. ILZA RIBEIRO, *A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas ter, haver e ser*. In: Ian ROBERTS e Mary KATO (eds.), *Português brasileiro - uma viagem diacrónica*. Campinas, S.P. (Editora da UNICAMP), 1993, p.343-379.
- 15 Nesta estrutura de verbo existencial, “aver” aparece em concorrência com o verbo “ser” ao qual gradualmente se vai sobrepor.
- 16 Cf. JEAN-CLAUDE CHEVALIER, obra já citada, p.7-9.

17 Sentimos alguma dificuldade em determinar a qual dos três tipos de posse pertenciam alguns dos atributos como por exemplo *fillo*, ainda assim decidimos incluí-lo nos atributos de tipo **QE**.

18 Para esta sistematização seguimos de perto a proposta de Rosa Virgínia Mattos e Silva, adaptando-a. A este respeito vide Bibliografia final da nossa dissertação de mestrado (Cf. nota 1).

19 Para conhecer o “corpus” analisado pode o leitor consultar a nossa dissertação de mestrado – bibliografia relativa a fontes documentais, p.151 - 157.

20 Rosa Virgínia Mattos e Silva afirma mesmo não haver qualquer ocorrência de “teer” nas estruturas de **QE**, ou de **PI**, na terminologia da autora. Cf. ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA, *Observações sobre a variação no uso dos verbos ser, estar, haver, ter no galego-português ducentista*. In: *Estudos Linguísticos e Literários*, n.º19, Universidade Federal da Bahia, 1997, p.253-286.

21 Vide nota 20.

22 A este respeito, Rosa Virgínia Mattos e Silva afirma que “teer” está ausente das estruturas de **QE** no século XIII «já que ainda assim se comportava nos séculos XIV e XV». IDEM, *ibidem*, p.283.

23 O facto de termos encontrado o verbo “teer” numa estrutura de tipo **QE** vem aportar um dado novo ao que até aqui se pensava.

24 A este respeito afirma Ivo Castro: «(...) é de reconhecer que os infantes de Avis, os seus colaboradores e os seus contemporâneos, foram os grandes elaboradores da língua portuguesa do século XV (...)». Cf. IVO CASTRO, *A elaboração da língua portuguesa no tempo do Infante D. Pedro*. In: *Biblos*, vol. LXIX, p.105-106.

25 «Os processos de variação e heterogeneidade na língua estão relacionados aos processos de mudança linguística, na medida em que os processos de mudança passam necessariamente pelo processo de variação». Cf. DANTE LUCCHESI, *Sistema, mudança e linguagem*. Lisboa (Ed. Colibri), 1998, p.63.

26 Cf. CLARINDA DE AZEVEDO MAIA, *Sociolinguística histórica e periodização linguística*. Separata da *Revista Diacrítica*, n.º10, 1995, p.18.

27 Cf. RITA MARQUILHAS, *Mudança linguística*. In: ISABEL HUB FARIA et alii (org.), *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa (Caminho), 1996, p.586.